

Os Epítetos de Virgílio no «Inferno» de Dante

INTRODUÇÃO

A um leitor cuidadoso da *Divina Comédia* não deixam de se deparar múltiplos e variados problemas. Problemas de ordem cultural, estética, literária, ideológica, religiosa, etc... Isto para só referir aqueles que mais facilmente vêm à tona, quanto se pretendem analisar pessoas, factos, acontecimentos.

Na impossibilidade de tratar um tema retumbante, cheio de interesse e significado, por escassez de tempo e de bibliografia adequada, limito-me a tratar aqui un tema simples, comezinho. Un tema daqueles que afloram à sensibilidade de um leitor vulgar de *A Divina Comédia*. Refiro-me aos «Epítetos de Virgílio no “Inferno” de Dante».

É por demais conhecido como Dante na *Divina Comédia*, particularmente no «Inferno» e no «Purgatório», recorre ao apoio e à protecção de Virgílio, para empreender a sua longa e difícil caminhada. Deste facto resultam, só por si, alguns problemas que gostaria que o presente trabalho ajudasse, se não a resolver, ao menos, a aclarar. São eles: Por que razão é que Dante escolheu Virgílio, como companheiro, na viagem ao Inferno? Afinal quem vem a ser Virgílio? Qual é a acção que Virgílio desenvolve frente a Dante? Quais são os epítetos atribuidos a Virgílio e qual o seu significado? Estas as questões que gostaria de tratar, ainda que ao de leve, neste meu pequeno trabalho.

1. POR QUE É QUE DANTE ESCOLHEU VIRGÍLIO, NA SUA VIAGEM AO INFERNO?

Esta pergunta afigura-se-me deveras curiosa pelo que encerra de interesse e de novidade. Não tão curiosa se me afigura a resposta, pelo que encerra de dúvida e de hesitação.

É sabido que Virgílio é um dos maiores poetas de todos os tempos: um dos seis na enumeração feita por Dante no canto 4, 30-34¹. Efectivamente, logo após os nomes de Homero, Horácio, Ovídio, Lucano, surge o de Virgílio e, finalmente, o de Dante. Mas este facto não parece, sô por si, justificativo. Se o fosse, poderia perguntar-se: por que não escolheu ele Homero ou mesmo Horácio ou Ovídio?

Razões de ordem diferente devem ter estado na opção do poeta. Razões que a mim me é permitido apenas aduzir, sem ter a pretensão de apresentar como certas. Seja como for, julgo que não deve ter sido uma razão apenas, mas razões de ordem vária que o devem ter levado a optar por Virgílio, de preferência aos outros poetas acima referidos. Assim importa ter presente:

a) Que os poetas também passam de moda; também eles estão sujeitos à lei da vida e da morte. E Virgílio é um dos poetas que conseguiu atravessar a Idade Média de uma forma incólume. Já antes, no período de Patrística, ele era um dos poetas mais frequentemente citados. Tive ocasião de verificar isto mesmo num pequeno trabalho que fiz sobre a «psicomaquia» de Prudêncio.

Ora, este facto de ter atravessado o período da Patrística e da Idade Média, aureolado de um grande apreço e com uma elevada cotação, como diríamos hoje, poderá justificar a opção de Dante.

b) Mas Virgílio não é um poeta qualquer; é aquilo a que se pode chamar um poeta-profeta. Pelo menos assim era entendido na Idade Média. Aliás, no canto IX do «Inferno», Dante faz alusão ao maravilhoso papel que a tradição lhe atribuíra. Daqui que a escolha de Virgílio como companheiro para a sua visita ao Além-Túmulo pudesse ser influenciada por esta concepção de poeta-profeta, vigente e reforçada na Idade Média.

c) O poema que Dante pretende elaborar é um poema épico e, neste género, nenhum poema contribuiu tanto como a *Eneida* para a glória de Roma. Ao elaborar um poema do género épico, que espera possa ser digno dos poemas dos seus antepassados e capaz de contribuir para a glória do seu país, era natural que

1 Para favorecer a compreensão dos leitores todas as citações são de: Dante Alighieri, *A Divina Comédia*, tradução de Eduarda Botelho, Lisboa Printer Portuguesa Lda., 1981.

Dante escolhesse o modelo por antonomásia: a *Eneida* e naturalmente o seu autor, Virgílio.

d) Por outro lado não podemos esquecer que Dante, apesar de não pretender fazer um poema cristão, escrevia para um público maioritariamente cristão e ao adoptar um homem, como guia, que era simpático aos cristãos poderia, de certa maneira, aumentar a cotação e a leitura da obra, que, segundo os seus objectivos, devia abarcar o Inferno, o Purgatório e o Paraíso: elementos constitutivos do dogma cristão.

e) Por último a escolha de Virgílio, por parte de Dante, pode até significar a escolha da Recta Razão. Ao empreender uma viagem tão arriscada, era natural que Dante procurasse alguém, que pela sua experiência — lembremos a descrição da descida de Eneas aos Infernos feita por Virgílio no livro 6 da *Eneida*— o pudesse ajudar em tão árdua empresa. Alguém cuja recta razão havia sido sempre manifesta e poderia até simbolizar o género humano na sua busca de paz e de felicidade.

2. AFINAL QUEM VEM A SER VIRGÍLIO?

A personagem de Virgílio no «Inferno» de Dante, surge após o encontro do autor da *Divina Comédia* com as três feras, criação alegórica de Jeremias V, 6: uma onça (I, 11), um leão (I, 15) e uma loba (I, 17), símbolos respectivamente da luxúria, do orgulho e da avareza. Este facto, só por si, postula um determinado tipo de personagem: alguém que proteja, ampare e auxilie o nosso herói, no início da sua penosa caminhada. Esse alguém é Virgílio. O retrato de Virgílio é-nos fornecido em dois quadros. Quadros que, longe de se oporem ou contradizerem, se completam e aperfeiçoam. O primeiro é-nos descrito pelo próprio autor da *Eneida*:

*«Homem não suo,
Mas homem fui, e filho de lombardos
Que Mântua lhes serviu de berço, a ambos.*

*Sob Júlio nasci, se bem que tarde;
Homem, com o bom Augusto, já em Roma,
Fui, entre deuses falsos e falazes.*

*Poeta, cantei esse amável homem,
De Anquises filho, que de Tróia veio
Quando queimado o Ilion soberbo»*

(I, 23-25)

É um quadro simples, preciso, objectivo que nos surge aqui-lo a que podíamos chamar o bilhete de indentidade de Virgílio. Nele se descreve a terra da sua naturalidade, a origem de seus pais, o tempo em que viveu, a profissão (missão) que exerceu e o herói a quem cantou: Eneias. Tudo elementos simples, objectivos, concretos, definidores de uma vida e de uma missão.

O segundo quadro é-nos apresentado pelo próprio Dante:

*«És tu Virgílio, aquele de engenhosa
E caudalosa origem de palavras?»*

*Tu és dos outros poetas honra e luz!?
Valham-me o longo estudo e o largo amor
Com que sempre ao teu livro hei assistido*

*Mestre meu tu és, como és o autor,
O único de quem pude colher
O 'stilo que honra magna me tem dado*

*Contra a fera de quem eu me escapava,
Tanto ela me há agitado pulsos, veias,
Te peço ajuda, ó sábio tão famoso!»*

(I, 27-31)

Neste quadro descreve-se a superioridade de Virgílio no mundo da poesia. Tal superioridade fazia dele o autor preferido dos jovens poetas. Dante é um dos que se confessa leitor assíduo do autor da *Eneida*. Leitor e imitador do seu estilo. Nem outra coisa seria de esperar. Pretendendo elaborar um poema épico de envergadura, era natural que Dante buscasse em Virgílio o modelo da sua inspiração.

Sabendo ser árdua a tarefa que o espera e penosos os escolhos que se lhe deparam, Dante pede, pois, a Virgílio que o ajude e auxilie, já que o tem por seu «mestre, senhor e guia».

3. QUAL É A ACÇÃO QUE VIRGÍLIO DESENVOLVE FRENTE A DANTE?

Não é tarefa fácil explicitar, em poucas palavras, a acção de Virgílio frente a Dante. Se houvéssemos de o fazer, o melhor seria afirmar tratar-se de uma acção multimoda e plurificetada. Esta a razão porque o vemos, quase simultaneamente, a chamar, a advertir, a esclarecer, a ordenar, a apaziguar. Mas, para fazermos uma ideia mais clara desta pluralidade de atitudes, vejamos alguns exemplos, proventura dos mais significativos. Através deles, Virgílio revela-se alguén que:

- Chama:* «*Chamou-me o guia*»: «ó tu, refugiado
Volve a mim, já de temor liberto» (21, 30).
- Informa:* «*Estes degraus —firma-te bem!— nos levam
P'ra fora do lugar que o mal domina*» (34, 18).
- Adverte:* «*Gritou meu grua: cuidado! cuidado!
E donde eu estava me arrebatou, lesto*» (21, 8).
- «*Disse-me o guia p'ra que não te vejam
Comigo estar, encobre-te por trás
Da rocha que te possa abrigo ser*» (21, 20).
- «*Mas eis que o mestre acode*»: «*toma tento!
Não tarda que provoques minha cólera*» (30, 44).
- Esclarece:* «*Disse o mestre*», «*pois fama não se alcança
Jazendo em fofas penas, sob a colcha*» (24, 16).
- «*Morto não 'stá*» «*respondeu meu guia,
Nem culpas o conduzem às torturas;*» (28, 16).
- «*Mestre*», *pedi* «*se podes faz que eu saiba
Daquele afortunado qual o nome*» (22, 15).
- «*Ao mestre disse, mal em pé fiquei
Meu erro desvanece, esclarecendo-me*» (34, 34).
- Ordena:* «*Voltou-se o mestre e disse-me*»: «*retarda
E por seu passo o seu regula, após*» (23, 27).

*«Ergue-te, pois: vence o torpor como esse
Animo, que é supremo em toda a luta» (24, 18).*

*«Temor afasta», disse o mestre. «Deixa
Que os dentes ranjam a seu bel-prazer» (21, 45).*

*Disse o guia: «detém-te p'ra que vejas
De frente o rosto desses mal nascidos» (18, 25-26).*

*«Põe-te a pé», disse-nos então o guia.
«Jornada temos longa e mau caminho,» (34, 32).*

*Apazigua: «Voltou o meu mestre»: «que não te atormente
Destino de tal sombra em pena amarga:
Teu pensar volve além, deixa-a tal qual» (29, 8).*

Por esta escassa série de atitudes, das muitas que podíamos enumerar, se pode concluir estarmos em presença de uma figura verdadeiramente humana. Figura humana ao nível da reconstituição. Figura humana que, apesar dos predicados de «mestre, senhor e guia», está, também ela, sujeita ao desânimo e ao esmorecimento. E o que, por exemplo, pode verificar-se no canto 4, quando Virgílio «de cor esvaída» leva Dante a exclamar:

*«Como irei, se te vejo esmorecido
Quando de ti ânimo havia esp'rado» (4, 6).*

Longe de contribuir para diminuir o valor de Virgílio, estes versos têm o condão de reforçar a sua própria humanidade. Humanidade que, antes que afastá-lo das mazelas comuns aos mortais, o leva a senti-las também em si e mais do que a senti-las, a vivê-las.

4. QUAIS SÃO OS EPÍTETOS ATRIBUÍDOS A VIRGÍLIO?

Um levangamento cuidadoso que tive ocasião de fazer dos epítetos de Virgílio, no «Inferno», permitiu-me a elaboração do quadro que se segue:

	MESTRE	SABIO	POETA	SENHOR	VATE	GUIA
Canto 1	29 ²	30	44			38
Canto 2			4			4
Canto 3	4, 11					32
Canto 4	11, 16, 21, 32, 33		27	16		50
Canto 5	17		25			7, 24, 25, 41
Canto 6	35					9, 32
Canto 7	1, 17, 23, 39					
Canto 8	4, 7, 18, 23, 29, 33, 38			24		9, 14, 31, 39
Canto 9	7, 20, 25 42					1, 5, 15
Canto 10	10, 13, 41					42
Canto 11	5, 23					
Canto 12	11, 28	6, 9			38	22
Canto 13	6, 9, 16, 16, 44, 46				27	29
Canto 14	15					31
Canto 15	33	33				
Canto 16	30, 39, 41					5, 19, 37
Canto 17						2, 13, 27

2 Para além dos cantos que são citados em romano, os restantes números indicam o número dos tercetos em que se subsdivide cada canto e não propriamente os números dos versos.

	MESTRE	SABIO	POETA	SENHOR	VATE	GUIA
Canto 18	28					7, 15, 25, 43
Canto 19	11, 13, 15					
Canto 20	34	4				9
Canto 21	24, 25			43	43	33, 35, 8, 20, 30
Canto 22	15, 21					26
Canto 23	7, 27, 49					13, 15
Canto 24	16, 24				9	7, 11, 26, 41
Canto 25						9, 12
Canto 26	16, 17, 26					5
Canto 27	11, 14					
Canto 28						16
Canto 29	8			34		11, 32
Canto 30	44, 48					
Canto 31	22, 44					
Canto 32	28					29
Canto 33	35					36
Canto 34	3, 24, 28 34					26, 32
TOTAL	73	4	4	4	4	56

Através dele é fácil constatar a variedade dos epítetos atribuídos a Virgílio bem a como sua frequência.

CONCLUSÃO

Uma observação, naturalmente sumária do referido quadro permite-nos concluir que:

a) O epíteto mais utilizado no poema do «Inferno» é o de «mestre». Este surge umas 73 vezes e aparece distribuído ao longo do texto de uma forma sensivelmente regular. Assim nos primeiros 17 cantos surge 43 vezes e nos segundos 17 aparece 30 vezes. Praticamente só 3 cantos o 2, o 25 e o 18 não incluem o epíteto de «mestre», enquanto que o canto 8 o inclui nada menos que sete vezes.

b) O segundo epíteto, por ordem de frequência, é o de «guia». Este aparece no texto umas 56 vezes e tem nele uma distribuição ainda mais regular que o de «mestre». Com efeito aparece nos primeiros 17 cantos 27 vezes e nos restantes 29... É omitido em três cantos da primeira parte e em quatro da segunda³.

c) Os outros epítetos a cujo levantamento procedi: «sábio», «poeta», «senhor» e «vate», curiosamente, aparecem todos umas quatro vezes ao longo do poema e distribuem-se consoante o esquema apresentado: os dois primeiros na primeira parte do poema e os dois seguintes distribuídos, de igual maneira, pela primeira e segunda parte do mesmo poema.

Mas para além da frequência dos epítetos, não totalmente desprovidos de significado, que expressará cada um deles?

«Mestre» é fundamentalmente aquele que ensina, e Dante, ao empreender a sua viagem, cheia de surpresas, tem necessidade de alguém que o ensine, através da sua própria experiência. E neste sentido ninguém mais aconselhado do que Virgílio, «o pai do Ocidente» na expressão de Teodoro Haecker.

«Guia» é outro epíteto altamente carregado de conteúdo. Ele expressa aquele que desbrava o caminho, que rasga o horizonte, que introduz no novo espaço. E Dante tem a consciência das dificuldades que o espreitam, antes de empreender a sua audaciosa caminhada. Dificuldades surgidas de si e do mundo que o cerca; dificuldades internas e dificuldades externas. Daí que ele recorra

3 São para facilitar a referenciación chamo aqui, impropriamente, primeira e segunda parte a cada séria de dezassete cantos, existentes no «Inferno».

a Virgílio aquele que descreveu com inexcelável beleza a viagem de Eneias, o filho de Anquises e de Vénus, ao Inferno. Virgílio o «poeta» possuído de uma recta razão e dotado, segundo o referido Haecker, de «uma alma naturalmente cristã».

Quanto aos outros epítetos «sábio», «poeta», «senhor» e «vate» eles não mais fazem que confirmar a abundância dos predicados já existentes nas palavras «guia» e «mestre». São notas complementares de uma mesma sinfonia cujas tónicas fundamentais continuam a chamar-se «mestre» e «guia».

JOÃO BEATO